

**Michael Cook**

Arquivista, profissional *senior* em gerenciamento de arquivos e professor universitário na Inglaterra e África. Consultor e líder de grupos de pesquisa para o desenvolvimento de normas técnicas de gerenciamento de arquivos. Conselheiro no Centre for Archive Studies da Universidade de Liverpool.

# Desenvolvimentos na Descrição Arquivística

## Algumas sugestões para o futuro

A oficina ARMReN ocorrida na University College London sobre pesquisas em descrição arquivística. Comunicações de Heather MacNeil; Leonard Reilly e Jon

Newman; Victoria Peters e Lesley Richmond; e Geoffrey Yeo. Críticas a normas correntes, pesquisas sobre contexto e interpretação de arquivos, contribuições de usuários para descrições arquivísticas, desenvolvimento de sistemas de descrição flexíveis pela Glasgow University, conexão entre gestão de documentos e arquivos no trabalho descritivo e a influência do acesso remoto e da Internet.

*Palavras-chave: descrição em arquivos; instrumentos de pesquisa; usuários.*



The recent ARMReN workshop held at University College London, about researches into archival description.

Comments from Heather MacNeil; Leonard Reilly and Jon Newman; Victoria Peters and Lesley Richmond; and Geoffrey Yeo. Include current standards, research into context and interpretation of archives, input by users into archival descriptions, the influence of remote access, the development of flexible descriptive systems, the link between records management and archives in descriptive work, and the influence of internet practices.

*Keywords: archive catalogues; dynamic descriptions; users input.*

**E**m junho de 2007, a University College London ofereceu a segunda de uma série de oficinas de pesquisa sob a égide de seu programa *Archives and Records Management*

*Research Network* – ARMReN (Rede de Pesquisa em Gestão de Arquivos e Documentos).<sup>1</sup> As apresentações feitas nessa ocasião, algumas por acadêmicos, outras por profissionais de gestão de documen-

tos, forneceram alguns importantes indicadores quanto às direções para as quais a descrição arquivística provavelmente se dirigirá no futuro. Este artigo procura identificar e tecer comentários sobre esses identificadores, com a intenção de torná-los acessíveis para os colegas de outras partes do mundo.

#### A NATUREZA DA PESQUISA SOBRE DESCRIÇÃO

A apresentação principal foi feita pela dra. Heather MacNeil, da University of British Columbia, que abordou o instrumento de pesquisa como texto cultural.<sup>2</sup> A apresentação teve um impacto tanto filosófico quanto prático. A dra. MacNeil pretende publicar esse artigo; logo, meus comentários aqui sobre ele serão breves. O ponto principal defendido foi que há uma grande similaridade entre a descrição arquivística e a crítica textual (literária). Eu acho que esta é uma observação estimulante. Sua força é bem exemplificada por recente trabalho acadêmico sobre a peça *Hamlet*, de Shakespeare.<sup>3</sup> Esse trabalho literário detetivesco enfatiza a idéia de que a intenção do autor deveria ser subordinada à idéia de colaboração: que a peça foi desenvolvida ao longo do tempo como um esforço cooperativo entre o autor principal e um grupo de atores. Isso parece ser bastante similar ao modo como os arquivos são produzidos e formados. Os arquivistas sempre, em seu trabalho de arranjo e descrição, tiveram que, necessariamente, realizar tanto trabalhos de pesquisa quanto de interpretação. No

mínimo, cada uma dessas atividades representará uma tentação para o arquivista no sentido de afirmar algum grau de autoridade, que, mais tarde, poderá ser testada.

Há muito que afirmo que a pesquisa é uma característica fundamental de nosso trabalho profissional.<sup>4</sup> Mas, geralmente, essa pesquisa tem sido direcionada para a análise da estrutura e métodos da organização produtora dos documentos, ao invés de ser voltada para a produção de um instrumento de pesquisa. Se adotarmos o último ponto de vista (uma idéia relativamente nova), podemos rapidamente ver que nossa pesquisa pode ser conduzida de forma útil – de fato necessária – para criar o que MacNeil chama de “texto cultural”. Nossas descrições são interpretativas, e não simplesmente sistemas neutros de indicativos.

Tanto a crítica textual quanto a descrição arquivística estão preocupadas em estabelecer a autenticidade do material que é seu objeto. Profissionais de gestão de documentos estabelecem a autenticidade de seus objetos materiais por meio da análise e descrição do contexto no qual ocorreram sua produção e transmissão. ISAD(G)<sup>5</sup> e sua parceira ISAAR(CPF)<sup>6</sup> auxiliam nesse processo ao permitirem a separação da informação de contexto da de conteúdo, porém falham em apoiar o processo integralmente ao não lidarem especificamente com a informação que estabeleceria a autenticidade. Por exemplo, dados referentes à história do arranjo de um fun-

do ou série podem ser categorizados tanto em história administrativa quanto em procedência.<sup>7</sup>

#### DESCRIÇÃO PRODUZIDA PELO USUÁRIO

**A**lgo deveria ter sido pensado para inclusão na descrição arquivística de resultados de pesquisas direcionadas não apenas às condições de produção e transmissão, mas também para a interpretação dos materiais. Tradicionalmente, essa área tem sido considerada pelos profissionais de gestão de documentos como a província dos usuários. Bem, podemos continuar com essa percepção, mas agora podemos atentar para a possibilidade – ou mesmo a necessidade – de incluir em nossas descrições algumas informações fornecidas por usuários. Esse foi um tópico discutido na comunicação de Reilly e Newman, que relataram os resultados da pesquisa empreendida para o Conselho de Museus, Bibliotecas e Arquivos (*Museums, Libraries and Archives Council – MLA*).<sup>8</sup> A nova abordagem é sugerida por diversos novos desenvolvimentos no mundo. Um forte incentivo a essa abordagem tem sido a política do MLA, isto é, a política de modo geral ditada pelo governo que enfatiza fortemente o direcionamento para o atendimento ao usuário no setor de museus, bibliotecas e arquivos. Um reforço para essa política veio dos crescentes esforços para descobrir, gerenciar e explorar os arquivos de comunidades, inclusive de comunidades ‘invisíveis’, de minorias e, às vezes, de perseguidos, tais como os ciganos e outros grupos deslocados. A tudo isso se

somou um contexto de espontâneo crescimento de atividades de pessoas comuns, por exemplo: as que publicam *blogs* e outros materiais na Internet, ou as que investigam tópicos populares de pesquisa, tais como história familiar. Assim, podemos agora empregar a idéia de toda uma nova categoria de dados em descrições arquivísticas: catalogação gerada por usuários (*User-Generated Cataloguing – UGC*).

O caso a favor da UGC é mais facilmente defendido ao se usar o exemplo de fotografias que são parte de um arquivo ou série de documentos de arquivo. Tipicamente, a imagem em uma fotografia não é compreensível a menos que haja informações específicas na descrição do contexto ou, então, informação adicional dada por fontes externas: isto é, por um usuário com conhecimento específico. Assim, a foto de um grupo familiar geralmente necessitará não apenas de informação sobre a produção e transmissão do documento, mas, também, sobre a identidade das pessoas mostradas e a atividade na qual elas estão engajadas. Isso é um problema de quase todos os documentos visuais, também ocorrendo com outros tipos de documentos. Nesses casos, a contribuição dos usuários é necessária para produzir um instrumento de pesquisa efetivo.

A possibilidade de incluir elementos da UGC em todos ou muitos de nossos instrumentos de pesquisa sugere que profundas mudanças podem ser necessárias em nossos métodos habituais de trabalho. O conceito desafia a idéia de uma

“voz profissional, única, neutra” ou, como descrito em outro lugar, “a supressão dos prefixos de primeira pessoa na descrição dos catálogos”, a escolha de materiais a serem descritos, as maneiras pelas quais as descrições são disseminadas e o acesso dado e, de modo geral, a relação entre usuários e profissionais.<sup>9</sup> Obviamente, sempre compreendemos que a contribuição do usuário era necessária no caso de algumas descrições: por exemplo, os mais antigos documentos arquivísticos medievais precisavam ser explicados por estudos acadêmicos ou, no caso dos desenhos técnicos, por engenheiros.<sup>10</sup> Nós deveríamos agora reconhecer que a contribuição do usuário é, de fato, necessária para um grande número de outros casos, aparentemente mais simples.

A questão a ser pesquisada é, portanto, identificar quais documentos arquivísticos necessitam da contribuição dos usuários para sua descrição. Essa pesquisa pode começar pela revisão do acervo arquivístico já descrito para, então, encontrarmos uma maneira de incorporar informações novas e previamente invisíveis a essas descrições. Esse método deveria incluir, provavelmente, o desenvolvimento na tecnologia da informação, levando-se em conta a captura de dados na rede. Dois exemplos disso se destacam: a abordagem “wiki”<sup>11</sup> promovida pelo National Archives no Reino Unido;<sup>12</sup> e o projeto *Polar Bear Expedition*<sup>13</sup> (Expedição Urso Polar) da University of Michigan.

Que materiais parecem ser os mais adequados para essa abordagem orientada para o usuário? De fato, possivelmente, a

maioria de nossos acervos qualificar-se-ia, tanto aqueles que já foram descritos, quanto aqueles com os quais nós ainda estamos trabalhando; ou, estendendo o trabalho para os documentos de fase corrente, aqueles que estão sendo gerenciados com vistas a recolhimento. Também temos que identificar e atrair potenciais colaboradores. A cultura “wiki” oferece a promessa de assistência, mas ainda temos que decidir o nível de mediação ou autenticação que seria necessário. Nós temos que descobrir como disseminar a contribuição do usuário, como incorporá-la aos instrumentos de pesquisa e como relacionar esses dados dentro das estruturas normativas. Tudo isso assinala importantes mudanças na relação entre os custodiadores de documentos, os usuários experientes e o público em geral.

#### A ESTRUTURA E A FORMA DAS DESCRIÇÕES

A terceira sessão da oficina foi dedicada às formas sob as quais as descrições arquivísticas foram apresentadas aos usuários. A principal comunicação foi a da unidade de pesquisa da Universidade de Glasgow.<sup>14</sup> Eles partiram de duas observações: que, apesar de todo o progresso que vem sendo feito nos últimos anos, os usuários ainda consideram, habitualmente, os instrumentos de pesquisa difíceis de serem compreendidos; e que, neste campo, a teoria e a prática tenderam a se desenvolver separadamente. Arquivistas compreendem bem esse problema, que parece afetar qualquer sistema de gestão de documentos, onde quer que ele

se baseie. Os usuários que não tiveram treinamento nos sistemas sempre dizem que os instrumentos de pesquisa são difíceis, enquanto os arquivistas sempre concluem que precisam explicar o porquê de basear seus sistemas em contexto e níveis. Talvez nós nunca nos livremos desse dilema, mas, enquanto isso, podemos continuar a atacá-lo pelas bordas. O projeto Glasgow é, provavelmente, no presente, o mais extensivo sendo aplicado e procura, de modo direto, resolver o problema prático pelo exame e revisão da teoria relevante. Ele propõe ainda um uso mais flexível das normas.

Os pesquisadores observaram uma relutância disseminada entre os arquivistas para usar a norma ISAAR(CPF), a qual alguns chamaram de “norma esquecida”. A base para essa norma, é claro, é uma forte separação entre a informação de contexto daquela de conteúdo nas descrições. ISAAR(CPF) foi desenvolvida em primeiro lugar por arquivistas do setor público, que perceberam que constantes mudanças na estrutura dos departamentos da administração pública significavam que um registro separado dos produtores poderia ser compilado e então relacionado às descrições das séries. Os pesquisadores de Glasgow estão examinando a possibilidade de usar as séries como nível básico para instrumentos de pesquisa, apoiadas por um sistema complexo, mas facilmente explicável, de referências cruzadas aos produtores, funções e atividades. Eles observam que, até o presente, instrumentos de pesquisa online (dos quais há muitos)<sup>15</sup> são meramen-

te transcrições de versões em papel de instrumentos de pesquisa, e, portanto, há um grande espaço para a criação de sistemas gráficos que possam demonstrar visualmente as relações. A equipe de pesquisadores está usando um arquivo empresarial, da *House of Fraser*, uma grande empresa de varejo, como teste de aplicação. Eles ofereceram três exemplos de possíveis saídas de dados nos níveis de autoridade (produtor), séries e atividade (função).

Essa é também a abordagem empreendida por outra equipe de pesquisa baseada na Universidade de Glasgow.<sup>16</sup> Essa pesquisa está usando representações visuais das relações entre produtores, níveis e funções, seguindo as técnicas usadas por cientistas para modelar estruturas moleculares. Alguns diagramas demonstrando as possibilidades estão acessíveis em seu sítio eletrônico. Cores, formas e ligações são usadas. As relações podem ser complexas, como os exemplos usados em seu teste de aplicação mostram claramente. No momento, não parece que os instrumentos de pesquisa resultantes sejam necessariamente mais transparentes, ao menos para os usuários inexperientes.

#### INVESTIGANDO OS EFEITOS DA TECNOLOGIA

A última sessão foi conduzida por Geoffrey Yeo.<sup>17</sup> Essa apresentação abordou várias questões que não haviam até o momento recebido mais atenção. A relação entre descrição arquivística e as várias formas

de controle de acesso requeridas pela gestão de documentos permanece, em grande parte, um campo inexplorado. O trabalho de nossos colegas australianos na produção de conjuntos de metadados para uso geral pode provar ser um caminho útil à solução desse problema. Parece que a maioria dos arquivistas está descobrindo que os limites entre documentos de valor permanente e intermediário estão diminuindo e que eles continuarão a se reduzir no futuro.

O uso da tecnologia da informação na construção de instrumentos de pesquisa é hoje difundido de maneira ampla e há alguns sistemas de computador que são comumente usados. Há também estruturas de metadados como, por exemplo, a *Encoded Archival Description* (EAD),<sup>18</sup> que são amplamente utilizadas. Apesar do uso geral, até o momento houve poucas pesquisas sobre os efeitos (normativos ou não) desses formatos na oferta de acesso, ou no modo como eles afetam o entendimento que os usuários têm do sistema. O acesso remoto, incluindo o acesso a documentos digitalizados, também se tornou comum. Qualquer investigação sobre os efeitos desses desenvolvimentos deverá atentar para questões como: a normalização dos códigos de referência, o número e a natureza dos níveis usados nas descrições, a extensão dos campos e a forma de exibição das descrições multinível. Parece provável que a introdução de descrições baseadas na tecnologia da informação levou ao aumento da redundância, por exemplo, na repetição de dados em níveis diferentes.

Tal repetição, certamente, terá um efeito nas percepções dos usuários e pode de fato ser necessária como um meio de apresentar as complexas relações nos acervos arquivísticos.

As normas, como elas são atualmente, nem sempre se adequam bem à flexibilidade da abordagem necessária para acomodar novas categorias de usuários. Por detrás das normas estão várias suposições culturais que podem precisar ser ajustadas. Ao aplicar normas de descrição, estamos seguindo um método de categorizar a informação que não corresponde necessariamente à visão de mundo dos usuários. Essas categorias, e a expressão de informação por meio delas, certamente privilegiam as percepções do descritor. Elas impõem uma aparência de uniformidade que nem sempre reflete o caráter diverso dos próprios arquivos. Ao usar normas, aqueles que descrevem podem, às vezes, ser restringidos na expressão de seus verdadeiros objetivos, os quais podem variar consideravelmente em diferentes tipos de serviços e de arquivos.

Ainda não há normas governando o acesso e o uso. Muitos arquivistas estão sob pressão para apresentarem seu material rapidamente e por meios eletrônicos. O progresso da digitalização significa o aumento do uso do material, no nível de item documental e, aqui, os meios de "acesso" têm preponderância. Usar mecanismos genéricos de busca freqüentemente trará, ao usuário, itens em níveis abaixo do de *homepage* ou descrição em um nível mais alto, e essa

facilidade é valorizada, geralmente, por usuários não especializados. Usar mecanismos de busca também apresenta sérios perigos. A lista de documentos encontrados pode incluir materiais relevantes essenciais, mas pode, também, excluir outras fontes relevantes, enquanto, ao mesmo tempo, apresenta-se ao usuário com uma aparência de autoridade. Resultados negativos de busca, claro, sempre foram um problema na interface com os usuários. O que é realmente necessário, é um modo de se inter-relacionar com os usuários que estabelecem contato não físico, de forma similar à interação possível quando eles (atendentes e usuários) estão fisicamente presentes na sala de consultas.

Essas são algumas das questões inexploradas que agora os arquivistas confrontam para oferecer serviços aos

usuários. Esse aspecto de nosso trabalho está aumentando em visibilidade e urgência. As demandas dos usuários, reais e potenciais, crescem diariamente na escala de prioridades. Há, atualmente, uma necessidade de pesquisas nesse campo.

As oficinas do ARMRen, portanto, indicaram algumas áreas nas quais são necessárias pesquisas de modo a produzir documentos e arquivos totalmente úteis à sociedade. Parece que os problemas investigados nas oficinas são os mesmos experimentados em todas as partes do mundo. A colaboração entre profissionais de ARM é, talvez, uma necessidade no mundo globalizado de hoje.

**Do original *Developments in archival description: some pointers to the future*. Traduzido por Maria Elisa Bustamante.**

## N O T A S

1. Financiado pelo *Arts and Humanities Research Council*, [www.slais.ucl.ac.uk/research-ARMReN](http://www.slais.ucl.ac.uk/research-ARMReN)
2. MACNEIL, Heather. *Recent trends in archival description: the finding aid as cultural text*. Paper to the ARMRen workshop. Londres: University College London, 26 jun. 2007.
3. THOMPSON, Ann e TAYLOR, Neil (ed.). *Hamlet: the texts of 1603 and 1623*. Arden, 2006. Há um bom comentário sobre isso e estudos paralelos por BURROW, Colin. *Conflationism*. *London Review of Books*. Londres, v. 29, n. 12, p. 16, 21 jun. 2007.
4. COOK, Michael. *Guidelines for curriculum development in records management and the administration of modern archives: a RAMP study*. Unesco, 1982.
5. ISAD(G) *International Standard for Archival Description (General)*. Edição brasileira: CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. *ISAD(G): norma geral internacional de descrição arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

6. ISAAR(CPF) *International Standard for Archival Authority Register (Corporations, People and Families)*. Edição brasileira: CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. ISAAR(CPF): norma internacional de registro de autoridade arquivística para entidades coletivas, pessoas e famílias. Trad. por Vítor Manoel Marques da Fonseca. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004.
7. Nota da tradutora: No original, o autor usa a expressão "*immediate source of acquisition*", em português "origem imediata de aquisição", tendo-se optado, na tradução, pela expressão equivalente da versão brasileira da 2ª edição da ISAD(G).
8. REILLY, Leonard e NEWMAN, Jon. *Revisiting archive collections: developing a methodology for capturing and incorporating new and hidden information into archive catalogues*. Paper to the ARMReN workshop. Londres: University College London, 26 jun. 2007.
9. Citações tiradas da apresentação em PowerPoint mostrada por REILLY, Leonard e NEWMAN, Jon.
10. De Paul Sillitoe, dissertação de doutorado em processo de elaboração, LUCAS 2007.
11. Referência à "Wikipedia", enciclopédia disponível na web que agrega contribuições do público em geral.
12. Disponível em <http://yourarchives.nationalarchives.gov.uk>
13. Disponível em <http://polarbears.si.umich.edu/>
14. PETERS, Victoria e RICHMOND, Lesley. *Dynamic descriptions for the 21<sup>st</sup> century*. Paper to the ARMReN workshop. Londres: University College London, 26 jun. 2007. A pesquisa *Empowering the user: development of flexible archival catalogues* é financiada pelo *Arts and Humanities Research Council*.
15. Por exemplo, [www.archiveshub.ac.uk](http://www.archiveshub.ac.uk)
16. *Multi-dimensional visualisation of archival finding aids*. Pesquisador principal Ian Anderson, disponível em [www.hatii.arts.gla.ac.uk/research/visual/visual.htm](http://www.hatii.arts.gla.ac.uk/research/visual/visual.htm)
17. *Users, information technology and standardised description in a non-standardised world*. Paper to the ARMReN workshop. Londres: University College London, 26 jun. 2007.
18. Nota da tradutora: Descrição Arquivística Codificada.